

Editorial

Os impactos das guerras imperialistas, com o êxodo de milhares de pessoas atravessando “desertos” para encontrar um pouco de paz, estão vivos em nossas mentes e nos atordoam e devem nos levar a compreender melhor a relação desses novos *pogroms* com a crise do capital.

Como forma de situar nossos leitores na temática do nosso número atual, recordemos que o recurso às guerras imperialistas vai ser cada vez mais usado pelo imperialismo, como lembrou V. I. Lênin.

O líder político e pensador russo definiu a nova fase do capitalismo em três níveis. No primeiro, quando afirma que o imperialismo é a fase monopolista do capitalismo, assim compreenderia a hegemonia do capital financeiro, resultado do capital bancário associado ao capital das associações monopolistas de industriais, por outro lado, a partilha do mundo promoveria a transição da política colonial para a política colonial de posse monopolista do planeta.

Numa definição mais abrangente, distingue cinco traços fundamentais:

1) a alta concentração da produção e do capital, responsável pelo surgimento dos monopólios; 2) a fusão do capital bancário com o capital industrial, originando o capital financeiro e a oligarquia baseada nesse capital; 3) aumento da importância da exportação de capitais em detrimento da exportação de mercadorias; 4) a formação de associações internacionais monopolistas que partilham o mundo entre si; 5) e o fim da partilha territorial do mundo entre as potências imperialistas, tornando a guerra o meio recorrente para a saída das crises do modo de produção; o autor frisa que novas partilhas podem ocorrer alimentadas pelas rivalidades interimperialistas

A terceira definição preocupa-se com as variedades do monopólio, que seriam as seguintes: O monopólio é produto da concentração da produção num grau muito elevado do seu desenvolvimento. Os monopólios vieram intensificar a luta pela conquista de fontes de matérias-primas. O monopólio surgiu dos bancos, transformados em monopolistas do capital financeiro. O monopólio nasceu da política colonial.

Ampliando a argumentação do caráter de transição do imperialismo, Lênin destaca a socialização da produção que as empresas monopolistas promovem, assim pode-se perceber que as relações econômicas e de propriedade privadas constituem um invólucro que não corresponde mais ao conteúdo. Essa socialização da produção não é um simples entrelaçamento, traço que mais salta aos olhos, mas insuficiente para explicar relações sociais que mudam continuamente e que atinge um elevado grau de coordenação e organização.

Os estudos mais recentes têm criticado a substituição do conceito imperialismo por império e multidão e reafirmado a incontestável autoridade intelectual da teoria de Lênin na compreensão do capitalismo contemporâneo.

Abrimos nossa nova edição com um dossiê sobre a crise do capital e a guerra imperialista, que foi tema do IX Seminário de Lutas contra o Neoliberalismo, realizado em setembro de 2014 para comemorar os 23 anos do Jornal INVERTA, 22 do Granma Internacional e 10 do acordo com a Prensa Latina no Brasil. Na edição

atual procuramos situar no quadro geopolítico, os fenômenos do imperialismo, da formação dos blocos regionais, da educação e da ciência.

O artigo *A crise orgânica do capital: o valor, a ciência e a educação*, de Aluisio Pampolha Bevilaqua, tem como objetivo demonstrar que a essência da crise do capital atual reside na erosão do paradigma de valor, que se expressa na relação tempo de trabalho socialmente necessário; e que a ciência e a educação desempenham papel *sine qua non* no processo de crise e de sua superação (a transição a novo paradigma de valor, o do *tempo disponível* da sociedade).

Theotônio dos Santos, em *Estado e especulação*, analisa o novo papel do Estado diante das transformações da economia mundial. Tal característica da economia parece avançar para uma globalização que indicaria o enfraquecimento dos Estados nacionais. O artigo mostra, contudo, que são estes Estados nacionais que possibilitam este crescente intercâmbio econômico mundial. Dá-se especial ênfase ao surgimento de poderosos Estados nacionais como resultado do processo de descolonização produzido a partir do final da Segunda Guerra Mundial

O artigo *A nova etapa do imperialismo – a transição do capitalismo ao socialismo*, de Lincoln de Abreu Penna, tem como objetivo atualizar o debate em torno da elaboração teórica original de Lênin sobre o imperialismo, comparando-a com estudos mais recentes que destacam a ampliação do significado de conceitos como democracia e república.

O estudo de Sant’Anna, *A integração regional como estratégia de política de estado do Brasil na geopolítica internacional*, procura fundamentar a política de integração regional na América Latina e Caribe e seu papel como expressão contra-hegemônica ao neoliberalismo e formação de uma hegemonia compartilhada onde os Estados Unidos, a Europa unificada e o Japão teriam menor poder de persuasão.

José Augusto Di Jorge Vasconcellos, em *Experiência pedagógica no progressismo desenvolvida em 1969 na Ilha de Paquetá*, expõe a aplicação da filosofia pragmática de John Dewey no estudo da fauna marinha da ilha de Paquetá, feito por alunos da escola secundária com orientação dos professores, em 1969. O relatório de pesquisa permaneceu inédito até hoje e sua publicação, certamente, permitirá avançar na compreensão da influência da chamada Escola Nova no Brasil.

O artigo *Homens plenos, sem enigmas*, de Fábio Villela, por sua vez, vem à luz no momento mesmo em que os Cinco Heróis Cubanos voltam à sua pátria. O artigo tem por objetivo apresentar um feixe de possibilidades das relações entre “educação e trabalho” em Cuba. O autor apresenta Antonio Guerrero Rodriguez, um dos Cinco, como exemplo dessa formação plena que caracteriza a educação em Cuba.

O artigo *A produção de telejornais e telenovelas em tempos de crise do capital*, de Antonio Cícero Sousa, tem como hipótese central que as transformações recentes no modo de produção capitalista subvertem o papel tradicional do telejornalismo, tornando-o menos propenso reivindicar neutralidade e reafirma o papel de mobilização emocional da teledramaturgia.

Para Ferreira, em *“Argo” e “Ghost Army”: guerra e cinema através do conceito de semiósfera* o conceito oferece possibilidades explicativas das complexidades que envolvem as relações entre o real e a abstração. Tem como objeto a análise de duas situações: a simulação da guerra no chamado Ghost Army, implementado pelos Estados Unidos durante a II Guerra Mundial e a versão cinematográfica de um episódio da crise diplomática envolvendo reféns na embaixada dos Estados Unidos no Irã em 1979.

A entrevista com Silvio Tendler reflete a rica trajetória do cineasta e sua recente fase extremamente produtiva, como também confirma que a história tem sido criativo objeto de pesquisa por cineastas, cuja maior expressão, entre nós, certamente é o autor de *Marighella, retrato falado do guerrilheiro*.

Com a entrevista de George Jackson inauguramos nova seção onde passaremos a divulgar documentos históricos relevantes.

Convidamos você, leitor de C & LC, a manter este diálogo entre a pesquisa e as lutas sociais para que possamos melhor cumprir nossa missão.

Comissão de Edição